

# A VARIACÃO PRONOMINAL “NÓS/A GENTE”: IDENTIDADE E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO<sup>1</sup>

*Alexandre Emanuel Alves da Silva* (UFOP)

[alexandremanuel14@gmail.com](mailto:alexandremanuel14@gmail.com)

*Clézio Roberto Gonçalves* (UFOP)

[cleziorob@gmail.com](mailto:cleziorob@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho se propõe a estudar a variação, no português brasileiro, do pronome de primeira pessoa do plural “nós” e a locução pronominal indefinida “a gente”, em posição de sujeito, identificando-se tanto os fatores sociais quanto os ambientes linguísticos que os condicionam na fala de informantes moradores da zona urbana da cidade de Ipatinga-MG, localizada no vale do aço mineiro. Além disso, busca-se verificar a situação de concorrência e de coocorrência entre essas duas formas pronominais. Neste trabalho, apresentam-se considerações sobre a trajetória do pronome “a gente” e investigam-se, em seguida, as contribuições de gramáticos e linguistas acerca desses pronomes. A análise empírica tem por base dados de um corpus coletado com vinte e quatro informantes, examinados numa perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana, submetidos ao programa GoldVarb/2001, buscando-se evidenciar a relação entre as categorias “nós” e “a gente” e os fatores linguísticos, como preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, paralelismo discursivo, tempo e modo verbal, tipo de oração, tipo de verbo, tipo de texto e classificação da frase, e extralinguísticos, como gênero, escolaridade e faixa etária. A escolha temática se justifica por trazer uma discussão sobre aspectos linguísticos, culturais e sociais da região do vale do aço mineiro, ainda não contemplados em estudos linguísticos precedentes. A substituição da forma pronominal “nós” por “a gente” tem sido amplamente estudada no português do Brasil por diversos autores, como: Omena (1986, 1996, 2003); Lopes (1993); Seara (2000); Fernandes (1997, 2004); Laureano (2003); Zilles (2005, 2007); Maia (2009); Tamanine (2010); Franceschini (2012) entre outros, contribuindo-se diretamente com os estudos sobre o uso dos pronomes no português do Brasil.

### Palavras-chave:

Identidade. Norma linguística. Preconceito linguístico.

Variação pronominal “Nós e a gente”.

## 1. Introdução

A variação e a mudança linguísticas são fenômenos presentes em todas as línguas naturais. Como se sabe, nos estudos linguísticos, sua

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

constatação é principalmente demonstrada pelo campo da sociolinguística<sup>2</sup>, a qual tem como maior expoente, entre outros, o linguista norte-americano William Labov. Por meio de sua *Teoria da Variação e da Mudança Linguística*, delineado sob companhia de Uriel Weinreich e Marvin Herzog, torna-se viável a estudiosos da linguagem compreender de maneira mais palpável o percorrer social e linguístico desses fenômenos.

No caso do português brasileiro (PB), assim como em outras línguas, a variação e a mudança linguísticas estão presentes em diferentes classes morfológicas, a saber, os *pronomes*, foco de nosso interesse neste trabalho. De acordo com Nascimento (2013), o uso do pronome “a gente” possui seus primeiros registros entre o século XVI e início do século XIX no Brasil e surgiu, conforme Omena (1996), da necessidade de contraposição entre uma referência precisa e uma referência imprecisa da primeira pessoa do discurso no plural (NASCIMENTO, 2013, p. 15).

De acordo com Araújo (2016), em boa parte das gramáticas tradicionais brasileiras, que são base para alguns livros didáticos, seus quadros pronominais do PB ainda não apresentam o pronome “a gente”, mesmo que esse esteja em pleno uso pelos falantes. Ora o pronome é ocultado, ora é tratado em notas de rodapé, e, em seu lugar, apenas se exhibe o pronome *nós* (ARAÚJO, 2016, p. 23). Dentro dessa visão, mais tradicional e comum a muitas gramáticas, nem sequer *você* e *vocês* se configuram como pronomes retos, sendo representados somente por *tu* e *vós*, o que aponta uma clara preferência pela não consideração do uso do PB por seus falantes em décadas mais recentes.

Posicionamentos como os salientados, longe de serem fiéis, demonstram uma indiferença à condição inerentemente heterogênea e social da língua, que, conforme propõe Labov, possui, entre tantos outros fenômenos, a variação e a mudança como marcas essenciais. Por isso, pensando em um maior aprofundamento dessas questões, diversos estudos vêm sendo realizados no contexto brasileiro, a fim de se explorar tais ocorrências e revelar o caráter dinâmico da língua em diferentes regiões e modalidades. Um exemplo de variação, ou atual processo de mudança, são o uso alternado dos pronomes “nós” e “a gente” no PB, que, além de

---

<sup>2</sup> Apesar de possuir como principal fonte a sociolinguística, em especial a *metodologia variacionista* criada por Labov, o estudo da variação também pode lançar mão de outras teorias, como a *gerativista*, por exemplo. Entre os trabalhos escolhidos, o de Vieira (2014) se faz singular por adotar essa perspectiva.

darem indícios de sua ocorrência em fatores linguísticos, fazem-no também em fatores sociais, como veremos.

Com isso, o presente artigo visa retomar estudos mais recentes acerca da variação linguística na escolha pronominal de primeira pessoa do plural, envolvendo-se, neste caso, os pronomes “nós” e “a gente”, no contexto do PB. A partir de trabalhos voltados a essa temática, procuramos evidenciar aqui resultados que indicassem a preferência dos falantes, tendo em vista diferentes fatores de natureza linguística, como *função sintática*, por exemplo, e social, tais como *faixa etária*, *sexo* ou *gênero e escolaridade*.

Os estudos escolhidos tiveram por enfoque: a modalidade oral espontânea, como os de Araújo (2016), Deon (2015), Santana (2014), Vieira (2014) e Nascimento (2013), que tratam do falar regional; a modalidade oral monitorada, o caso de Tavares (2014), ao abordar a fala de âncoras do telejornalismo da *TV Globo*; e a modalidade escrita, como Oliveira (2017), na produção literária infantojuvenil regional gaúcha, e Silva (2013), em produções jornalísticas escritas do jornal *Zero Hora*. Todos esses foram desenvolvidos durante a segunda década dos anos 2000 e utilizam, com exceção da abordagem gerativista de Vieira (2014), a metodologia quantitativa laboviana.

Os resultados dos estudos assinalam, em sua maioria, tal qual analisaremos, uma prevalência do pronome “a gente” sobre o pronome “nós”. Nesse ponto, os autores já consideram a sequência artigo definido seguido de substantivo, “a gente”, gramaticalizada, isto é, o item lexical que, outrora desempenhava a função gramatical de substantivo, agora representa um pronome (OLIVEIRA, 2017, p. 22). Tal uso do pronome inovador, com valor semântico correspondente ao tradicional “nós”, pode sinalizar, assim como em estudos anteriores, uma possibilidade de mudança em andamento no atual quadro pronominal brasileiro.

Em síntese, este trabalho tratará especificamente, dos estudos da modalidade oral espontânea e daqueles de modalidade oral monitorada, bem como o de modalidade escrita (SILVA, 2003). Assim, destacaremos o objeto de pesquisa de cada estudo, sua fundamentação teórica, a metodologia utilizada, o *corpus* analisado e os resultados encontrados. Com isso, de maneira geral, procuraremos descrever o fenômeno em questão nos trabalhos selecionados.

## 2. *Modalidade oral espontânea*

O estudo de *corpus* oral espontâneo, isto é, de entrevistas orais com a menor interferência do pesquisador, é uma das escolhas preferenciais no estudo da variação. Isso se dá por conta da fidedignidade decorrente de tal método, que permite ao informante se manifestar de forma mais natural. Dessa maneira, aliado ao registro quantitativo, o estudo da variação e da mudança linguística pode dar indícios do estado de determinadas comunidades de fala, como as localidades geográficas.

Dos estudos referentes a esse tema, tratamos, nesta seção, de Araújo (2016), Deon (2015), Santana (2014) e Nascimento (2013), com a metodologia laboviana, e Vieira (2014), com o método gerativista. Em todos esses autores, percebemos uma preocupação com o falar próprio de determinadas localidades. Por isso, possuem, como indicam, uma escolha de *corpora* de modalidade oral espontânea ao abordar a variação pronominal “nós” e “a gente” no PB. Tal característica é, aparentemente, relevante para se pensar a pesquisa variacionista atual.

O primeiro estudo, o de Araújo (2016), tem por objeto o falar do município de Fortaleza, no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Como fundamentação para suas reflexões, o autor retoma diversos teóricos que abordaram a variação “nós” e “a gente” nas cinco regiões do Brasil. Para o *corpus*, o trabalho parte do banco de dados da Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), que contacta 53 informantes de diferentes faixas etárias e variado nível de escolaridade, com divisão em sexo ou gênero. Ademais, o tipo de inquérito analisado foi o tipo D2 (Diálogo entre Dois informantes) e o programa para quantificação de dados, o *GoldVarb X*.

Os resultados do estudo de Araújo (2016) indicaram que a variável *simetria entre os interlocutores* foi a variável mais selecionada pelo programa de quantificação dos dados. Nessa, o fator “muito simétrico”, em informantes mais jovens e de mesmo sexo, favoreceu o uso da variante “a gente” na função de sujeito (84,1% e 0.764), e, em informantes mais velhos, o uso da variante “nós” (63,8% e 0.268). A segunda variável mais selecionada foi “preenchimento do sujeito”, com favorecimento do pronome “a gente” em contextos em que o sujeito é preenchido (75,4% e 0.590). Nesse ponto, quando o sujeito era nulo, havia desfavorecimento do pronome “a gente” (6,7% e peso relativo de 0.020), com favorecimento do pronome canônico “nós”. Ademais, a variável inovadora “a gente” era favorecida quando os informantes eram mais simétricos,

de mesmo sexo (87,5), enquanto que entre informantes parcialmente simétricos, de sexos diferentes, o pronome “nós” era favorecido (66,70%), não importando se o sentido de referência era mais geral ou mais específico.

Ainda nas variáveis linguísticas, o *tipo de verbo* foi outra variável selecionada como importante. Nesse ponto, houve favorecimento de “a gente” na função de sujeito com verbos *discendi* (92,3% e 0.981). Na função de sujeito, o verbo *ter* (74,8% e 0.512) e os *verbos de ação* (66,1% e 0.516) favoreceram o uso do pronome inovador. Além do tipo de verbo, o *tempo verbal* também foi considerado relevante nas rodadas do programa. Com essa variável, a forma “a gente” era favorecida pelo fator pretérito imperfeito do indicativo entre mulheres mais simétricas (73,3% e 0.717).

O restante das variáveis linguísticas mais relevantes nos resultados foram *estrutura do verbo* e *posição do sujeito em relação ao verbo*. No primeiro, o fator muito simétrico favoreceu o uso da variante inovadora “a gente” (72,5% e 0.678). No último fator, os resultados indicaram favorecimento de “a gente” depois do verbo (70,5% e 0.761).

Das variáveis sociais, os fatores *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo* foram selecionados. No primeiro e segundo fatores, os resultados indicaram, sem pesos relativos que os mais jovens optaram por usar a forma “a gente” (87%), enquanto que os mais velhos a forma “nós” (13%), o que pode indicar um processo de mudança em curso. Por último, em todas as rodadas de fator sexo, os resultados apontaram uma tendência de maior favorecimento de “a gente” entre as mulheres mais jovens (75,3 e 0.679).

O segundo trabalho é o de Deon (2015), que analisou, na posição de sujeito, a variação “nós” e “a gente”, no falar de Guarapuava, no estado do Paraná. Para embasamento teórico, a autora revisitou resultados de outros estudos (OMENA, 1998a, 1998b; LOPES, 1998); MENON, LAMBACH, LANDARIN, 2003; SEARA, 2000; BORGES, 2004; TAMANINE, 2002, 2010; FRANCESCHINI, 2011) para desenvolver seu estudo. O *corpus* escolhido procede do Banco de Dados de Guarapuava (VARLINGUA), coletados entre os anos de 2014 e 2015. O número de informantes são 24, sendo estratificados em: sexo, masculino e feminino; idade, 25 a 45 anos e 50 anos ou mais; e escolaridade, 1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 12 anos de estudo no ensino básico. O programa utilizado para quantificação dos dados foi o *GoldVarb X*.

Os resultados da pesquisa confirmaram a hipótese da autora de que a comunidade utilizaria mais a variante inovadora “a gente”. Em uma análise geral, foram encontrados o percentual de 53% de uso para a forma “a gente” e 47% de uso para a forma “nós”. Além disso, variáveis linguísticas, a saber, a tonicidade, o tempo verbal, a presença/ausência do pronome, o tipo de texto, a determinação do referente, e sociais, como escolaridade, sexo e faixa etária, corroboraram essa tendência.

O uso do pronome inovador “a gente” foi favorecido pelos fatores linguísticos em posição de sujeito: os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos* (96% e 0.95), os tempos *presente do indicativo* (69% e 0.64) e *pretérito imperfeito* (50% e 0.58, a *presença do pronome* (62% e 0.58), o *texto argumentativo* (74% e 0.65) e a *indeterminação do referente* (89% e 0.80). Já os fatores sociais que beneficiaram essa variante foram: a *escolaridade, com o ensino médio* (65% e 0.60); o *sexo feminino* (57% e 0.56) e a *faixa etária mais jovem* (58% e 0.53). A *concordância verbal* foi retirada da amostra devido a *nocautes*<sup>3</sup>.

O uso do pronome canônico *nós* apresentou mais recepção entre os mais velhos (52% e 0.53), e o pronome inovador “a gente” foi favorecido pelos falantes mais jovens (58% e 0.53). Por isso, pôde-se afirmar, com os resultados, que os falantes de Guarapuava estão usando mais o pronome “a gente” do que “nós”, um possível indício de mudança em curso.

O estudo de Santana (2014) é o próximo a ser analisado. A localidade escolhida pelo autor é a capital Salvador (BA). Neste caso, são descritos e analisados o uso dos pronomes “nós” e “a gente” na função de sujeito discursivo no falar popular do município. O *corpus* da pesquisa é do Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP). A partir desse, foram analisados 12 inquéritos, com divisão em três faixas etárias e escolaridade em ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio. O programa computacional utilizado para trabalho com os dados foi o *VARBRUL*. Como fundamentação teórica, o autor procurou desvendar a consolidação do pronome “a gente” no PB, desde sua dispensa por preconceito linguístico (BUENO, 2003) até seu estudo como variação (OMENA, 1978). Ademais, os resultados do estu-

---

<sup>3</sup> De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 166), fatores que não contribuem para a análise, como contextos de nocaute ou efeito categórico, singleton group ou de pouca ocorrência e um percentual não maior do que 10%, devem ser descartados ou amalgamados a fim de que se faça uma análise eficiente (ARAÚJO, 2016, p. 79).

do foram comparados com os de estudos anteriores, tais quais Omena (1996), Lopes (1993) e Nascimento (2013).

Com esse estudo, os seguintes fatores foram favoráveis na posição de sujeito: paralelismo discursivo, com o antecedente “nós” (68% e 0.86) e antecedente zero com verbo na primeira pessoa do plural (95% e 0.98); indeterminação do sujeito, em que contextos com forma de referência determinada favoreceram o uso de “nós” (44% e 0.64); saliência fônica, em que se confirmou a hipótese de que uso da forma “nós” seria favorecido pela maior grau de saliência, tendo como exemplo máximo a redução dos ditongos e acréscimo da desinência “-mos” (60% e 0.78); faixa etária, com menor uso de “nós” pelos mais jovens (9% e 0.19) e maior uso de “nós” pelos mais velhos (38% e 0.67) e um decréscimo na fase intermediária (26% e 0.64); e a escolarização, que quanto maior é favorece o uso de “nós” (30% e 0.58) e quando média, o pronome “a gente” (0.86), sem dado de porcentagem. Apesar de tudo, os resultados da pesquisa indicaram que o pronome “a gente” (76%) é mais utilizado do que “nós” (24%) em Salvador, possuindo o triplo de ocorrência.

Ademais, vale considerar que os resultados da análise geral do estudo se mostraram similares aos de outras pesquisas de NURC (Projeto Norma Linguística Urbana Culta) (LOPES, 1993; NASCIMENTO, 2013), mesmo que aqui uso do pronome inovador “a gente” na função de sujeito estivesse muito mais marcante na variante popular PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador) do que na variante mais culta (NURC). Por fim, o autor, ao comparar seus resultados com o de outras pesquisas (OMENA, 1996; LOPES, 1993; LUCCHESI, 2009; NASCIMENTO, 2013), constatou que houve concordância na maioria dos casos com os dados do PEPP, o que aponta para um maior uso da variante “a gente” no PB.

O penúltimo trabalho, Nascimento (2013), também analisou o uso dos pronomes “nós” e “a gente” em posição de sujeito, por meio de fatores sociais e linguísticos, na cidade de Salvador (BA). Para isso, a autora lançou mão de 24 inquéritos do *corpus* do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC-SSA) do tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador). Os informantes escolhidos, neste projeto, eram de nível superior e faziam parte da primeira e da terceira faixa etária dos inquéritos dos anos 1970. A autora, além disso, retomou a trajetória do estudo de “a gente” por meio de gramáticos e linguistas. Para análise dos dados, a autora utilizou o programa *GoldVarb*

2001. Após receber os resultados dos inquéritos de 1970, esses foram confrontados com os resultados dos inquéritos dos anos 1990.

Nesse estudo, as análises deram como resultado que o uso de “nós” era maior pelos falantes mais velhos na década de 1970 (72% e 0.67), diminuindo seu uso com os informantes da década de 1990 (31% e 0.33), o que indica maior ocorrência do pronome “a gente” nessa década. Tais resultados podem, assim como os resultados de estudos aqui analisados, uma mudança em curso, com a implementação de “a gente” no falar dos mais escolarizados de Salvador. Além dessa variável social, o uso do pronome conservador “nós” foi maior entre os informantes do gênero masculino (83% e 0.87) e mais velhos (64% e 0.76) na década de 1970. Em 1990, porém, há menor ocorrência desse pronome com o gênero masculino (37% e 0.23) e maior com os mais velhos (81% e 0.66). As informantes do sexo feminino mantiveram índices baixos de uso do pronome canônico “nós” em ambas as décadas (década de 1970: 55% e 0.43; década de 1990: 27% e 0.26).

Os resultados também apresentaram, em relação à variável dependente, maior favorecimento de “nós”, explícito ou não explícito (51,80%), do que “a gente”, explícito ou não explícito (48,20%). Houve desfavorecimento do uso de “nós” como sujeito explícito (0.33), sem dados de porcentagem, e favorecimento do pronome “nós” como sujeito implícito (0.93), sem dados de porcentagem. No estudo, como resultado, o pronome canônico “nós” esteve em nível de referencialidade mais associado ao grupo específico com o falante (49% e 0.55) e o pronome inovador “a gente” a contextos de maior indeterminação, com menor ocorrência da forma “nós” (61% e 0.24).

Os pronomes “nós” e “a gente” também concorrem em grande escala na classificação da sentença, sendo “nós” de maior uso em frases negativas (55% e 0.58) e menos em frases afirmativas (50% e 0.47). Na variável paralelismo discursivo, percebeu-se que o uso de “nós” como forma antecedente facilita seu uso posterior em uma mesma sequência (100%), assim como “a gente” (100%). Já em no tempo verbal, os tempos do futuro do pretérito (92%) e futuro do presente (66%), no modo indicativo, e no presente do modo subjuntivo (64%) favoreceram as maiores ocorrências de “nós”. Assim, formas mais salientes, que apresentam marcas, favorecem o uso do pronome canônico, ao contrário de formas menos salientes, que favorecem o uso do pronome inovador “a gente”. O pronome “a gente” aparece em maior grau no modo infinitivo, com pe-

queno uso de “nós” (37%), diferentemente dos modos gerúndio e particípio, que indicaram empate entre as formas “nós” e “a gente” (50%).

O tipo de oração evidenciou neutralidade no favorecimento de “nós” e “a gente”. Na variável tipo de verbo, o verbo de ligação desfavoreceu o uso de “nós” (20%), e os verbos transitivos (53%) e intransitivos (49%) mostraram neutralidade de escolha. O tipo de texto que mais favoreceu a ocorrência do pronome “nós” foi o texto descritivo (72%). Não houve diferenças na alternância de “nós” e “a gente” na representação do sujeito.

Por fim, diferentemente dos anteriores, Vieira (2014) não utiliza a metodologia variacionista, mas a gerativista, com base nos postulados teóricos da Gramática Gerativa para mudança linguística, para descobrir se a variação “nós” e “a gente” é uma variação estável ou uma mudança em progresso. No estudo, parte-se da hipótese de que ambas as variantes coexistem. Como localidade de análise, Vitória da Conquista (BA) é a escolhida, por meio de dados do *corpus* Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC). O número de informantes analisados são 12, com 818 amostras de “nós” e “a gente”. O programa utilizado para análise dos dados é o *GoldVarb*. Assim como outros trabalhos que analisamos, a autora procura estudos sobre o processo de gramaticalização de “a gente” e as características do paradigma pronominal do PB para basear suas reflexões.

### **3. Modalidade oral monitorada e modalidade escrita**

Além da modalidade oral espontânea, a modalidade oral monitorada e a modalidade escrita são fontes para estudo da variação e da mudança. No caso da modalidade oral monitorada, um exemplo característico é o falar dos âncoras nos telejornais. Diferentemente do falar espontâneo, o falar monitorado demonstra uma preparação maior por parte do locutor e menor liberdade na escolha do interlocutor nos turnos de fala. Já a modalidade escrita engloba gêneros literários e jornalísticos, que permitem uma maior liberdade na escolha de variantes, dependendo, claro, do grau de formalidade do texto.

O estudo de Tavares (2014) trata do falar de âncoras da televisão brasileira, que se dá em curtos espaços de tempo e com um objetivo de informação e entretenimento. Os trabalhos de Oliveira (2017) e Silva (2013), ao contrário, se preocupam com a modalidade escrita. No caso da

primeira autora, seu enfoque é a produção literária infantojuvenil no estado do Rio Grande do Sul. A última já aborda outro conjunto de gêneros, as produções jornalísticas escritas do jornal *Zero Hora*, do Grupo RBS.

O primeiro trabalho, de Tavares (2014), aborda a variação pronominal “nós” e “a gente” na fala dos principais telejornais da Rede Globo, a saber Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Como a maioria dos estudos da seção anterior, a metodologia utilizada é a laboviana. Neste caso, o *corpus* é composto por gravações dos telejornais com a transcrição de fala dos âncoras. O programa utilizado é o *GoldVarb 2001*. No estudo, a autora segue a proposta de Tarallo (1999), de abordagem de meios de comunicação para comprovação de fenômenos variáveis, e revisita o quadro pronominal do PB.

Os resultados do trabalho de Tavares (2014) revelaram que o uso do pronome “a gente” teve influência dos fatores: presença e ausência do pronome, sexo ou gênero e telejornal. Aqui o fator presença e ausência do pronome, em relação à variável social sexo ou gênero, foi apontado como relevante para se compreender o favorecimento do pronome inovador, pois as mulheres tiveram a tendência de usar mais o pronome inovador do que os homens, sendo 0,79 de uso de “a gente” pelos sujeitos do sexo feminino e 0,69 de uso da forma conservadora “nós” pelos sujeitos do sexo masculino. Além disso, a ocorrência da forma “a gente” foi favorecida nos seguintes telejornais: Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo.

Em síntese, o estudo apontou um maior uso de “a gente” na fala dos âncoras dos telejornais Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, bem como indicou a influência das variáveis presença/ausência do pronome, sexo ou gênero e o tipo de telejornal. Assim, pôde-se compreender de forma mais clara os fatores que influenciaram na escolha pronominal dos âncoras e o maior uso do pronome inovador “a gente” nesse ambiente.

Oliveira (2017), a fim de lançar luz sobre o estudo variacionista de “nós” e “a gente” na escrita, escolheu textos literários infantojuvenis dos anos 1970, 1980 e 1990, do estado do Rio Grande do Sul, para estudo. O total de escritores analisados foram dez: Charles Kiefer, Cláudio Levitan, Diana Noronha, Jane Tutikian, Luís Dill, Lygia Bojunga Nunes, Marcelos Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli e Walmir Ayala. Mesmo que em modalidade escrita, a metodologia utilizada pela

autora é a laboviana, com consideração de fatores linguísticos e sociais. Para tratamento dos dados, o *Varbrul* foi o programa escolhido. Já os autores que serviram de base para a realização do estudo foram Borges (2004), Zilles (2007), Brustolin (2009) e Labov (1972).

Nesse estudo, obteve-se como resultado, do estudo de obras de três décadas diferentes, a saber 1970, 1980 e 1990, que o pronome inovador “a gente” se faz presente em todas as obras literárias infanto-juvenis analisadas. Seu uso ora indicava sentido de pronome indefinido ora de pronome pessoal, com referência a primeira pessoa do plural no discurso. Ademais, o fator *formas pronominais apontaram que o uso do pronome pleno “a gente”* (42%) e do pronome nulo de “nós” (49%), tendo em registro de “nós” e “a gente” plenos maior percentual (90,3%) para “a gente” e do que para o pronome canônico “nós” (9,7%). O tipo de discurso que favoreceu o maior uso de “a gente” foi o diálogo, com dados acima de 90%. Por fim, personagens retratados como de classe alta favoreceram o uso do pronome inovador e os de profissão técnica e manual desfavoreceram o uso desse pronome.

Apesar do avanço no campo da escrita, a autora reconhece a necessidade de maiores estudos na área, salientando as limitações decorrentes da importância de se realizar novas rodadas estatísticas e da falta de delimitação de contextos sintáticos relacionadas à variação estudada. Além disso, não foi possível, no estudo, determinar quais gêneros do discurso estariam influenciando a variação dos pronomes e seu uso pleno e nulo. No geral, o estudo se fez bastante relevante por trazer um maior indício do uso de “a gente” na modalidade escrita e ampliar os estudos sociolinguísticos nesse novo tipo de registro.

O último estudo é o de Silva (2013) que também trata sobre o estudo da variação pronominal de primeira pessoa do plural na escrita, tendo como objeto, no caso, o jornal gaúcho *Zero Hora*. O *corpus* foi constituído por textos de opinião e de entrevistas, do ano de 2011. Desse, 3.532 dados foram coletados, sendo provenientes da análise de 2.103 textos de autoria. A metodologia variacionista, como no estudo anterior, também serviu de base para análise dos dados. O programa para codificação e análise de dados foi o *GoldVarb 2003*. A fundamentação teórica do trabalho foram o processo de gramaticalização de “a gente” no PB e seu quadro de pronomes, bem como resultados de trabalhos anteriores com a temática da variação pronominal “nós” e “a gente”, a saber, Omena (1996), Machado (1995), entre outros.

Silva (2013) chegou ao resultado que o uso do pronome inovador *a gente* foi favorecido pelos gêneros textuais reflexão, humorístico e entrevista, e não pelos gêneros alerta e crítica como se esperava. Além disso, os fatores paralelismo formal e saliência fônica não exerceram influência na forma de realização do pronome de primeira pessoa do plural, assim como o tempo verbal não se mostrou relevante. O trabalho indicou, ademais, que o tipo de referência utilizado no uso de *a gente* foi principalmente como referência indeterminada.

Por fim, o estudo salientou que a linguagem jornalística em modalidade escrita desfavoreceu o uso do pronome inovador “a gente”. Esse resultado foi originado do número de dados totais coletados, 3.532 dados, provenientes de análise de 2.103 textos do jornal. Em síntese, com o estudo, as variáveis determinação do referente e gênero discursivo se mostraram importantes para se compreender o uso de *a gente* no texto jornalístico escrito.

#### **4. Considerações finais**

Os estudos analisados, como vimos, com exceção de Vieira (2014), mostram, uma vez mais, a importância de se considerar fatores linguísticos e fatores sociais no estudo da variação e da mudança, uma vez que esses se fizeram essenciais para se compreender o fenômeno variável em questão, os pronomes “nós” e “a gente”, na maioria dos estudos. Além disso, tais fatores reforçam o caráter heterogêneo e dinâmico da língua, que possibilita a ocorrência simultânea de variantes, sem a perda efetiva da comunicação, e a relevância do contexto social na explicação dos fenômenos linguísticos.

O pronome “a gente”, em vez de “nós”, por fim, apesar de não se encontrar no quadro pronominal do PB de muitas gramáticas, conforme os estudos analisados, está em pleno uso e é o escolhido pela maior parte de informantes mais jovens, assim como não deixa de aparecer no falar dos mais escolarizados. Com isso, podemos, de fato, considerar que o uso do “a gente” é parte do falar brasileiro e evidencia um possível processo de mudança em curso na língua, o que deverá ser mais explorado em estudos posteriores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. *Será que a gente usa mais o “nós”?* Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. 148 f.

DEON, Vanessa Aparecida. *Variação pronominal “nós”/A Gente em Guarapuava-PR*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2015. 130 f.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. “nós” e “a gente” em Salvador: confronto entre duas décadas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 128 f.

OLIVEIRA, Ana Paula Moraes dos Passos de. *A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural “nós” e a gente numa amostra da literatura infanto-juvenil gaúcha*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. 119 f.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. *Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014. 114 f.

SILVA, Morgana Paiva da. *A inserção de a gente na linguagem jornalística de Zero Hora*. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. 139 f.

TAVARES, Nilceu Romi Kerecz. *Variação pronominal (Nós/A Gente) nos telejornais nacionais da Rede Globo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. 127 f.

VIEIRA, Adilma Sampaio de Oliveira. *Nós e a gente: um estudo sobre a sintaxe do Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. 81 f.